



INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

**MAMADÚ INDJAI**

**COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA SOCIEDADE:  
ESTUDO SOBRE AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS NA GUINÉ-BISSAU**

**Acarape – CE**

**2020**

**MAMADÚ INDJAI**

**COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA SOCIEDADE:  
ESTUDO SOBRE AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS NA GUINÉ-BISSAU**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – como requisito para obtenção de título de licenciado em sociologia.

Orientador: Igor Monteiro Silva

**Acarape – CE**

**2020**

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a atuação das rádios comunitárias no processo de democratização da sociedade guineense e acerca de suas ações no desenvolvimento do país e na participação dos cidadãos nos espaços de contestação pública. Procura-se mobilizar o entendimento de como a comunicação comunitária pode estimular a construção da cidadania, tendo como horizonte a emancipação social. A discussão terá como pano de fundo o estado da democracia e as possibilidades da sua consolidação na Guiné-Bissau. Nesse sentido, a análise sociológica aqui proposta sobre a comunicação comunitária e a democracia passa, necessariamente, pela compreensão de um sentido de democracia que ultrapassa os limites da “democracia eurocêntrica”, apresentada e discutida pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos em vários de suas obras. Ou seja, o trabalho debruça-se sobre práticas que possam dar alternativas à forma de pensar e de compreender a democracia para além de sua feição “hegemônica”. Para tanto, se pretende com essa pesquisa discutir a importância que essa ferramenta de comunicação, (as rádios comunitárias), tem e como pode estimular o exercício de direitos e deveres dos cidadãos no âmbito local e nacional de forma a entender a democracia e o processo de democratização na Guiné-Bissau. A pesquisa estrutura-se por uma metodologia qualitativa, mobilizada a partir da revisão bibliográfica e, sobretudo, da análise dos conteúdos, músicas e programas apresentados nas referidas rádios comunitárias guineenses.

**Palavra-chave:** Guiné-Bissau. Rádios comunitários. Democratização.

## **1 - Estado e Democracia na Guiné-Bissau: Aspectos históricos**

A Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África fazendo fronteiras com Senegal ao norte, Guiné-Conakry ao Leste e Sul e Oceano atlântico ao Oeste. O país tem uma superfície de 36.125km dividida em oito regiões administrativas dentro delas encontram-se subdivididas em trinta e oito sectores administrativas e cento e três secções e cerca quatro mil e quinhentos tabancas (aldeias), isso conforme os dados do último censo realizado em 2009. O país se tornou independente em 24 de setembro de 1973, a independência proclamada de forma unilateral e, reconhecida ano depois pelo

Portugal no dia 10 de setembro de 1974, na altura o primeiro país da colônia portuguesa a se tornar uma república independente no PALOP<sup>1</sup> (Teixeira, 2008).

De acordo com Carlos Cardoso (2008) as crises de finais de década de 80 abalaram profundamente a estrutura política do país em termos econômicos. Motivo pelo qual a Guiné-Bissau a par de outros países pediram ajuda junto às organizações financeiras internacionais, principalmente FMI (Fundo Monetária Internacional) e BM (Banco Mundial). Para esse autor a crise de sistema socialista no ocidente nesse período levou os países ocidentais a criarem condições para que eles pudessem propagar a ideologia liberal não só como “a única digna de crédito, como também o único modelo a seguir [...]” (CARDOSO, 2008, p.13-14)”. A partir desse período Cardoso explica que também algumas figuras dos governos africanos concluíram que a falta de democracia e o sistema de partido único poderiam estar na base de insucesso nos sistemas econômicos até então existente. Nesse contexto a Guiné-Bissau que também estava mergulhada nessa desastrosa política econômica e, por seus dirigentes entenderem que estavam reunidas condições para aderir os princípios do liberalismo econômico e político. A Guiné-Bissau entrou-se no sistema multipartido e instituiu-se o sistema democrático (a democracia liberal).

Podemos dizer com a aderência dos programas de ajustamento estrutural, estavam postas os primeiros momentos de transição para a democracia. Mas segundo a nossa proposta de pesquisa que é justamente compreender a transição democrática ou democratização como aquilo de que Avritzer (1995, p.02) compreende como momento que constitui “o resultado de um *tradeoff* (ato de escolha) que permite aos atores sociais compensar a perda do controle sobre sua vida cotidiana através de mecanismos de limitação da operação do Estado e do Mercado”. Essa concepção nos permite realmente identificar espaços e autores que contribuíram/contribuem nesse processo.

Nesse sentido que a presente pesquisa se justifica no contexto sociocultural de Guiné-Bissau, considerando que o país tem uma deficiência de órgãos de comunicação social públicas e as poucas que tem não tem cobertura nacional, nesse sentido que as rádios comunitárias têm um papel importante nas comunidades onde se inserem na distribuição das informações do centro para periferia e também se apresenta como importante veículo não só de informação, mas, sobretudo de comunicação dentro da comunidade.

---

<sup>1</sup> PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Nas rádios comunitárias na Guiné-Bissau não é só um espaço de informação, mas, sobretudo, de comunicação, entretenimento, educação, consolidação de ideias e da conscientização, portanto, que a nosso ver, o estudo sobre as rádios comunitárias como forma de entender o processo de democratização de Guiné-Bissau se torna pertinente, na medida em que independentemente de ser uma nova forma de inclusão de novas perspectivas e participantes na análise do processo de democratização pode resultar na melhor forma de entender e perspectivar a democracia a partir da realidade do país.

## **2 - Rádios Comunitárias no Contexto de Guiné-Bissau**

As Rádios comunitárias representam hoje em África, um dos meios mais eficazes na difusão da informação e comunicação nas comunidades urbanas e rurais, onde o rural não apresenta só como alvo, mas como protagonista desse fluxo informativo e comunicacional dentro da comunidade. Nessa perspectiva de acordo com dados expostos no Plano Estratégico para as Rádios Comunitárias na Guiné-Bissau (2014), através do Programa de Apoio aos Atores Não-Estatais, financiado pela União Europeia, as rádios comunitárias representam hoje como maiores e melhores meio para difundir a democratização, preservar a identidade cultural e a auto-estima, servindo de plataforma de debate e de troca de ideias no seio da comunidade, com particular destaque para África ocidental.

No entender Camará & Barros apud Tudesq (2002), falar da comunicação em África é falar das rádios, principalmente comunitárias, pelo mecanismo que utilizam, as línguas que utilizam para que as mensagens atinjam aquela diversidade de populações existentes nessas comunidades.

No contexto dos países de PALOP, a Guiné-Bissau foi o primeiro país a dar início a experiência da rádio comunitária, em sete (7) de fevereiro de 1994, a Rádio Voz de Quelele (RVQ). Segundo dados, até 2015 existiam já 35 rádios comunitárias (LOPES, 2015) nos diferentes cantos do país, oferecendo uma cobertura nacional. Independentemente da questão geográfico, uma das grandes novidades trazidas pelas rádios comunitárias é a questão etno-linguístico. As questões da “localização, proximidade, uso do crioulo e da maioria das restantes línguas nacionais em função de

cada localidade”, essas questões faz das rádios comunitárias em Guiné-Bissau um instrumento de referência na mobilização da ação da sociedade civil.

De acordo com Camará & Barros (2005) os meios de comunicação públicas na Guiné-Bissau pelo fato de não terem sido capazes de responder às demandas das populações, devido às questões principalmente das línguas utilizadas na difusão das informações e a carência de meios modernos de comunicação, foram surgindo outros órgãos de comunicação, uma delas é as rádios de comunicação comunitária que veio a colmatar esse vazio deixado por meios de comunicação públicos.

Segundo esses autores

[...] rádios privadas e comunitárias que atualmente têm uma cobertura de 89% a nível nacional, enquanto o acesso à internet é de 0,79%, e a rede móvel atinge 70,1% da população a nível nacional (Autoridade reguladora nacional da tecnologia de informação e comunicação, 2012)” (CAMARÁ & BARROS, 2005, p.38).

Para esses autores antes de pensar no papel desempenhado pelas rádios comunitárias na Guiné-Bissau é fundamental falar dos aspectos que definem seu perfil. Nesse sentido

Por ser o meio mais massificado, devido às questões não só da referida oralidade, mas também: ao analfabetismo; à falta de infraestrutura (em particular a energia elétrica); a ser um meio de baixo custo; à sua sustentabilidade, dado não exigir muito de uma população desprovida de poder de compra; a oferecer a possibilidade de uma escuta coletiva através de um único aparelho receptor; a alcançar todos membros da comunidade na sua própria língua e a ser simples de manejar” (CAMARÁ & BARROS, 2005. p. 38-39).

Nessa mesma perspectiva que a Paula (2007), na sua pesquisa sobre evolução do papel das rádios comunitárias enquanto instrumento de participação cívica, afirma que na maioria parte do país, sobretudo, no sul, a rádio é o único meio de comunicação acessível para a população maioritariamente analfabeta.

O interesse pela essa pesquisa surgiu justamente por essas questões por entendermos que é um dos meios de comunicação, se não o único, desse caráter na Guiné-Bissau que proporciona um diálogo de maioria da população do país, que permite efetivamente que exista o reconhecimento de práticas, experiências e saberes periféricos e subalternos, ou seja, superando essa não existência. Para nós, essa é uma forma de pensarmos novas possibilidades democráticas, uma perspectiva problematizadora da

realidade, e as rádios comunitárias nos possibilita esse entendimento por ampliar as vivências e variedade de experiências, saberes e práticas sociais. Quando falamos de diálogo, estamos a falar de um tipo de comunicação onde todos podem ser protagonistas.

### **3 - Comunicação Comunitária e as Possibilidades Democráticas A Partir do Cotidiano das Comunidades**

O primeiro passo na busca e na compreensão dessa temática passa necessariamente pela discussão teórica sobre comunicação comunitária em geral, em específico as rádios comunitárias. A análise passa pela abordagem da comunicação comunitária e a democratização como forma de entendermos como as rádios comunitárias na Guiné-Bissau contribuíram e contribuem na democratização da sociedade e na consolidação da democracia no país. Não é nosso objetivo, enredar-nos sobre a discussão das diferentes percepções teóricas que diferenciam as definições dos termos como comunicação popular, alternativo, participativo e comunitário. O objetivo aqui é discutir a comunicação que é constituída pelas iniciativas populares e orgânicos aos movimentos sociais, que de acordo com Peruzzo (2009), são comunicações que vêm de experiências de comunicação participativa, dialógica, educativa, horizontal, comunitária ou radical.

Para a autora, a comunicação comunitária é

Uma comunicação que se vincula aos movimentos populares e a outras formas de organização de segmentos populacionais mobilizados e articulados e que tem por finalidade contribuir para a mudança social e a ampliação dos direitos de cidadania (PERUZZO, 2009, p.134).

A pesar da percepção de que existem várias formas de comunicação (PERUZZO, 2007, 2010), nos movimentos sociais no processo de mobilização, nosso foco é nas rádios comunitários como mecanismo facilitador (outros também, como Tv a cabo, website na internet, jornal, blog, televisão comunitária, etc.) das lutas pela conquista dos direitos e na democratização e ação.

Peruzzo (2008) entende-se que as rádios, principalmente as comunitárias extrapola o cenário dos movimentos populares e se relaciona com públicos mais

alargados. É nesse sentido que se propôs a estudar esse objeto, por ser uma ferramenta de comunicação de suma importância na Guiné-Bissau, mas com poucas pesquisas sobre elas. Autora (2008) percebe que o espaço da comunicação comunitária é um espaço onde ocorre práxis de atores sociais coletivos na busca de articulação e provocação de forma a mobilizar as ações concretas que visa à melhoria da consciência política e sobre suas condições de existência tanto a nível local como nacional. Nessa perspectiva que ela entende que a comunicação comunitária se desenvolve de forma democrática por grupos populares seja ele num Bairro, espaços online ou cidade, de acordo com seus interesses, necessidades e capacidade, e mais importante é feita pela própria comunidade de forma a contribuir na solução dos problemas que afetam seu dia-a-dia.

Porém a democracia que buscamos discutir e articular com essa temática é da perspectiva trabalhada pelo Boaventura de Sousa Santos (2002, 2018), aquele que ultrapassa os limites da democracia eleitoral parlamentar compreendido através de participação popular no seu local de produção de vida a partir das ações desenvolvidas pelas populações locais. Para esse autor essa compreensão da democracia não é de invalidar ou eliminar a democracia representativa, mas sim de coloca-lo em certa perspectiva, ou seja, articular a democracia representativa com a democracia participativa e mostrar que há uma necessidade de ampliação do seu marco de compreensão, e pensa-los através das ações advindas dos movimentos sociais da sociedade civil dentro do sistema democrático.

O Santos e Mendes (2018) discutiram seis modos de produção da prática social, entendidos por eles como espaços estruturais que constituem espacialidade específica, um referencial locacional que são inscritas nas práticas, e cada um desses espaços ou lugar estrutural se define como um conjunto de relações sociais que as suas contradições a nível interno lhe dão uma dinâmica interna. Esses espaços são: o espaço doméstico, o espaço de produção, o espaço do mercado, o espaço da comunidade, espaço da cidadania e o espaço mundial. Nosso interesse nessa discussão é de compreender o espaço da comunidade (apesar de outros espaços aparecerão ao longo da discussão, mas não é o foco nessa pesquisa), espaço esse entendido por autores como muitas das vezes descartável, identificados como inimigos.

Resgatando o conceito de Heterotopia em Dehaene & Caeter (2008), Santos e Mendes (2018, p.21) afirmam que através da noção de Heterotopia permite falar desses espaços como “portadores de emergências, de resistências, de alternativas, espaços indutores de novas praticas democráticas e de relações baseadas na igualdade e na autoridade”.

Segundo Santos & Avritzer citados por Florian (2014), a democracia deve ser entendida como um valor e não como um instrumento, então se é um valor não pode ser universalizado. Eles estão colocando que na análise da democracia, o multiculturalismo deve ser levado em conta através de dialogo inter-relacional existente. Nesse sentido essa relação deve ser feita entre “democracia como ideal e democracia como prática” (SANTOS & AVRITZER 2002, APUD FLORIAN 2014, p. 113-114).

Nessas duas perspectivas analíticas que se encerre este trabalho, na compreensão de que as rádios comunitárias têm um potencial democratizante através das suas ações dentro das comunidades onde se encontra e o entendimento da democracia a partir das ações dos atores sociais ligadas as suas lutas através dessa ferramenta de comunicação.

Há percepção de que a comunicação comunitária abre possibilidades para participação de muitos emissores (principalmente as rádios comunitárias) que de certa forma democratiza a comunicação. É justamente nesse sentido que o estudo sobre as rádios comunitárias como forma de entender o processo de democratização de Guiné-Bissau se torna pertinente, na medida em que entendemos que a inclusão de novas perspectivas e participantes na análise da democratização pode resultar na melhor forma de entender e perspectivar a democracia que olharia para a realidade tanto social como político do país. Está perspectiva de fato adquire importância critica, tanto para atores ou ações excluídos pela outras abordagens na forma de pensar o processo da democratização como também para pensar o modelo da democracia liberal representativa implantada no país.

Então a partir da dinâmica e mecanismo de funcionamento das rádios comunitárias podemos discutir e apresentar as possibilidades alternativas na democracia liberal. Sem contar que nessa discussão está subjacente a discussão sobre direitos humanos, igualdade de gênero, sistema político, etc.

#### **4 - Rádio Comunitária Enquanto Espaço De Contestação**

Estudar a democratização a partir da comunicação comunitária, especificamente as rádios comunitárias é possível através dos exemplos concretos com relação a formas de organização e as formas de canalização das demandas, principalmente a nível rural. Uma forma de canalização de demandas das populações foi com a criação de Rede Nacional das Rádios Comunitárias da Guiné-Bissau, criada em 2005, e pode ser encontrado seu endereço “[http://renarc.adbissau.org/?page\\_id=4](http://renarc.adbissau.org/?page_id=4)”. RENARC é uma associação que favorece a coordenação, cooperação e intercambio e promoção de emissores da rádio comunitária no país. No artigo 1ª e 2ª do seu estatuto é possível encontrar que é uma organização não governamental, não lucrativa, apartidária e areligiosa, constituída pelas rádios comunitárias da Guiné-Bissau sem fins lucrativos e que promove um modelo alternativo de comunicação para contribuir na democratização que vai ao encontro dum equilíbrio do mundo novo de informação.

As rádios comunitárias a partir da canalização de demandas conforme colocada em cima possibilita as articulações das dinâmicas sociopolíticas de democratização. Conforme afirma Rudebeck (2001), de que enquanto os cidadãos não poderem de certa forma perceber que há razões concretas para assumir que ações públicas, coletivas podem contribuir na sua sobrevivência e também melhorar as suas vidas, existirão grande probabilidade de não houver alternativas aos problemas sociais. Nesse sentido que os contextos práticos das rádios comunitárias são importantes para as populações das comunidades, ou seja, no sentido de perceber quais são lugares de (re) produção de demandas sociais da comunidade.

As questões sobre saneamento básico, desporto, dedicatórias, educação cívica, pesca, agricultura, saúde, historias e anedotas, são assuntos que mais tocam nas rádios, mas também assuntos como direito das mulheres e crianças, meio ambiente, educação cidadã e opinião pública estão em maioria das programações.

Segundo as programações que podemos ver no endereço da RENARC. Podem-se destacar algumas programações radiofônicas de maioria das rádios comunitárias da Guiné-Bissau, como: Rádio Balafo – “gestão de conflito”; Radio Comunitária de Bafata – “espaço jovem” e “espaço cultural”; Colinas de Boé – pode-se de destacar assuntos sobre pesca responsável, a cultura, a tradição e o meio ambiente”; Rádio Cuntun Madina – sobre a “educação familiar” e “discos pedidos”; Rádio Comunitária

de Djalicunda – alfabetização das mulheres; Rádio Djan-Djan – “Opinião Ke Ki Tem”, Rádio Escolar Eva – “educação: No Cunsi Eva” (conheçamos a Eva); Forreá – “Ambiente: No Popa No Mato” e “Nobas de Forreá (vamos poupar o nosso mato; notícias de Forreá)”; Kassumai – Agricultura: “Fala de Labrabur” (fala de lavrador) e “Infantis: Ami I Criança N’tene Nha Diritu” (eu sou criança tenho meus direitos); kosená – “direitos humanos”, Rádio Lamparam voz de cantanhez – “Ambiente: No Matus Aos, No Matus Amanhan” (nosso matos hoje, nosso matos amanhã) e “Diritu de Minjer Ku Minino” (direitos de mulher e de criança); Lua Nova de Quinhamel – “Bom dia Quinhamel” e “Voz de Comunidade Local”; Rádio Papagaio – “Direitos de Mulheres” e Pesca Responsável”; Rádio Jovem – “Direito de Criança e Mulher” “Associativismo Juvenil e Educação para Cidadania”; Sintchã Occo – “Jovens do Século XXI”; Rádio Comunitária Uler Abandi – “Opinião”, Voz de Algodão de Gabú – “Alfabetização das Mulheres”; Voz de Quelele – “Saúde Reprodutiva e HIV-SIDA”, “Bom dia Quelele”, “Ponto de Vista” e “Mulher e Criança” e “Escola na Rádio”.

Na maior parte dos seus funcionamentos, as rádios apresentam programas interativos e animação livre, mas que serve também de espaços de reconhecimento, de expressão e visibilidade, da vivência e convivência dos grupos sociais. Porém, apesar de apresentarem blocos noticiosos das outras rádios, também difunde notícias preparadas a nível interno da rádio. Mas uma das principais novidades das rádios comunitárias talvez seja difusão das notícias em crioulo e nas outras línguas mais predominantes no país, principalmente nas regiões onde as rádios estão inseridas. De acordo com Barros e Camará (2005), as línguas como Balanta, Fula, Mandinga, Manjaco e Papel são faladas para abordar assuntos e temas de interesse da comunidade e do país que os permitem participar da comunidade e nas decisões locais que no nosso olhar essa facilidade que as populações têm de ouvir e falar a sua língua através das rádios cria espaços de inteligibilidade que permite interlocuções de diversas camadas da sociais da comunidade como também de agentes possíveis e disponíveis.

Numa pesquisa feita nas rádios comunitárias de Quelele e Fala Di Urok, Barros e Camará, eles descreverem, por exemplo, o programa no Cunsi no Diritu (conheçamos os nossos direitos), entendendo esse programa como um consultório jurídico participativo com objetivo de dar apoio jurídico à comunidade de Quelele para resolução dos conflitos por via da lei, e também criar consenso na comunidade. O programa conta com a participação dos convidados maiorias das vezes as juristas

acompanhadas com facilitadores e animadores do programa. Na rádio Fala Di Urok conta-se com o programa Teatro Popular “escolhido como elemento do processo mobilizador da sociedade na área marinha protegida comunitária de Urok”, um programa, segundo esses autores, que possibilita a participação dos atores na sua produção, edição e apresentação. Programa passa no período noturno como estratégia que possibilita alcançar maior audiência da comunidade, tendo em conta que nesse horário todos estão de volta dos seus afazeres e reunida no grupo de amigos, o rádio passa assim a ser um elo de ligação e de encontro para outras partilhas (BARROS & CAMARÁ 2005, p.40).Independentemente de participação de comunidade na produção, edição e apresentação de programas, também é um espaço que entendemos que pode ser de protagonismo juvenil, ou seja, como espaço de contestação política e liberdade de expressão.

No seu trabalho sobre participação política juvenil em contextos de suspensão da democracia, Miguel de Barros sociólogo Guineense afirma que a comunicação social em geral e particularmente as rádios comunitárias desempenharam papel importante na ampliação dos espaços de contestação política.

Miguel de Barros (2012) estudou a articulação de musica Rap e a utilização das rádios comunitárias na cidade de Bissau, como forma de visibilizar as denúncias e à reivindicação social e política por parte dos jovens. Para esse autor as ações de alguns sectores da sociedade civil, no caso, sindicatos, igreja, organização não governamental, comunicação social e associações comunitárias, “contribuíram de forma decisiva quer para o ensaio à democracia, quer na promoção do desenvolvimento, no combate às desigualdades sociais e na melhoria das condições de vida das populações (KOUAWO, 2000, APUD. BARROS, 2012, P.172-173)”.

Nesse sentido as rádios tiveram papel indispensável nesse processo, uma novidade o Miguel de Barros aborda é com relação as programas radiofônicas dedicados a Rap<sup>2</sup>, a utilização de linguagem Calão nas músicas dos jovens e também suas participações nos programas radiofônicas.

Para Barros

---

<sup>2</sup> Exemplo de programa Rap Rapperus, o primeiro programa radiofônico dedicado à música Rap, que começou a ser emitido em junho de 1996 nas antenas de rádio Pindjiguiti na cidade de Bissau.

[...] estes aproveitavam as entrevistas no programa para fazer as suas gravações com mimica, batendo palmas e batucando na mesa. Tal fato fez com que o mercado de venda de beats abrisse as suas portas no país, fato que teve como corolário o desencorajamento de playback como meio de produção de musica rap, em particular da musica juvenil no capital. (BARROS, 2012, p.34).

O programa de mesmo caráter na promoção dos jovens foi iniciado na Rádio Jovem de iniciativa de “Rede Nacional de Associações Juvenis” (RENAJ). Uma iniciativa que segundo Barros (2012), é de dar corpo as dinâmicas de participação dos jovens para a conscientização perante os problemas e necessidades sociais. Para ele “o proposito da rádio foi dar o eco às vozes dos jovens e estimular e criatividade juvenil, bem como a promoção da mobilização dos jovens através do associativismo (Barros, 2012, p.176)”.

Um dos programas da grelha de programação da Rádio Jovem destaca-se “Ondas Culturais”, emitido de segunda a sexta, de 14 a 16 horas em crioulo.

Para Barros (2012),

O programa trouxe novos talentos e valores da musica jovem feita pelos guineenses, apresentou os seus currículos, deu-lhes espaço para entrevistas em direto, abriu linha telefônica para que estes dialoguem com os ouvintes, criou um top semanal/mensal/anual das musicas mais rodadas e ainda mobilizou-se para premiar os melhores músicos jovens da nova geração guineense, tudo isso aconteceu numa perspectiva voluntária, feita por jovens animadores que nunca antes tinham passado pelas escolas de jornalismo ou comunicação social. (BARROS, 2012, p.176).

O que podemos perceber a partir dessa citação é que a “Ondas Culturais” contribuiu em encorajar a produção de músicas como também para que a opinião pública e política começassem a observar e produzir um discurso público por parte principalmente dos jovens, não só aqueles que vão para as rádios, como também o público ouvinte, por permitir que dialoguem via tele móvel. Para nós esse aspecto é muito importante no sentido de rádio poder proporcionar esse dialogo na produção de opinião pública de pessoas que não tem poucos meios e espaços para se expor sobre problemas do seu quotidiano.

Estabelecer esse dialogo conceitual e empírica a partir da canalização de ações tanto das comunidades no sentido geral como da juventude de forma especifica para com as rádios comunitárias na análise da democratização, para nós ganha grande importância no contexto em que a Guiné-Bissau de encontra, das instabilidades

políticas, corrupção, tráfico de droga e outros problemas sociais. Para essa compreensão, não passa daquilo que é a proposta da nossa pesquisa, que é compreender a democracia a partir do quotidiano das comunidades as formas de participação nos assuntos dos seus interesses, possibilitado nas rádios comunitárias.

Na pesquisa realizada na Tabanca (aldeia) de Kandjadja<sup>3</sup>, sobre democratização, pesquisador Lars Rudebeck numa discussão com a população local sobre o que era para a democracia.

Nas suas palavras Rudebeck afirma:

[...] uma reunião em Kandjadja, em Março de 1996, onde se discutiu comigo a significado para as populações locais da democracia recém-instituída. A reunião tinha sido organizada pela RADI. Todos participaram vivamente nos debates, velhos e jovens, homens e mulheres. Um homem idoso referiu que o conceito de democracia era difícil de traduzir para mandinga. Ele e o interprete que traduzia de mandinga, chegaram a acordo de que a expressão mais próximo a que se podia chegar em português ou em crioulo era: “buscar a felicidade”. (RUDEBECK, 2001, p.94).

Na sua interpretação, essa definição estava apontando para “dignidade humana, justiça, e esforços comuns no sentido de obtenção de objetivos comuns”. Essa definição é importante na distinção de democracia como forma de governo com outras formas de democracia existentes, nesse sentido, esse entendimento sobre a democracia nos parece muito pertinente para o tipo para aquilo que é a proposta da nossa pesquisa que vai além da forma hegemônica de concessão da democracia. E as rádios comunitárias como ferramenta de comunicação que dá visibilidade a essa diversidade de entendimento e ações das populações na divulgação de notícias onde o receptor pode emitir e transmitir as informações.

### **Considerações finais**

Neste trabalho propostamos estudar o processo de democratização da sociedade guineense e, encontramos nas rádios comunitárias, ou seja, na comunicação comunitária um espaço de praxe de movimentos sociais muito importantes para aquilo que é o objetivo dessa pesquisa, por ser um espaço de canalização e articulação das demandas nas comunidades. Percebemos a partir dessa pesquisa que nas rádios comunitárias há

---

<sup>3</sup> Kandjadja é uma aldeia na secção administrativa de Mansaba na região Oio, Norte de Guiné-Bissau.

possibilidade de visualizar as pequenas ações de diferentes comunidades e de diferentes movimentos sociais dentro das comunidades que lutam dia-a-dia no sentido da melhoria de condições de vida na comunidade e trabalham para que existam realmente alternativas na forma de resolução de problemas sociais. Essas questões nos colocam perante um grande desafio, ou seja, de podermos realmente enquanto pesquisadores, movimentos sociais e outros que estão empenhados nessa luta de poder identificar nessas pequenas ações e pensar na forma de canaliza-las.

O interesse por essa temática surgiu na vontade de aprofundar o conhecimento interdisciplinar (comunicação social e sociologia) no sentido de entender qual o papel que esta ferramenta de comunicação tem para participação dos cidadãos nos espaços de contestação pública. Entende-se que as experiências das rádios comunitárias envolvem situações concretas e oferece o campo fértil de observação das dimensões da diversidade étnica e cultural que justifica um olhar da coesão social nessas comunidades e, sobretudo o estado da democracia e sua consolidação.

Com a grande diversidade étnica e cultural que a Guiné-Bissau apresenta, percebe-se que é sujeita a desafios da democratização da sociedade e a rádio comunitária nos parece um espaço muito importante para esse desafio, sem falar que permitirá a compreensão sobre participação cívica das populações, o estado da democracia, a defesa da identidade e da coesão social.

### **Referenciais bibliográficos**

AUGEL, Johannes; CARDOSO, Carlos. Transição democrática na Guiné-Bissau e outros ensaios: transição na Guiné-Bissau, 1996.

AVRITZER, Leonardo. **Cultura política, atores sociais e democratização: uma crítica às teorias da transição para a democracia**, São Paulo, Revista Brasileira de ciências: 1995.

BARROS, Miguel; CAMARÁ, Fátima Tchuma. Rádios comunitárias e processo de recriação da cidadania ativa na Guiné-Bissau: **sentido de pertença, direito à voz e apropriação do espaço**. Centro de estudos internacionais de Instituto Universitário de

Lisboa (ISCTE-IUL), 2005. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9403/1/n1a03.pdf>. Acesso em 09 de Maio de 2019.

BARROS, Miguel. **Participação política juvenil em contexto de suspensão democrática: a música rap na Guiné-Bissau**, 2012. Disponível em <file:///C:/Users/unicafe.BIBPALMARES16.002/Desktop/900-2272-1-SM.pdf>. Acesso em 09 de Maio de 2019.

FRORIAN, Diogo Pablos. SANTOS, Boaventura de Sousa; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In. SANTOS, Boaventura de Souza (org.) **democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de janeiro: civilização brasileira, 2002. Disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3557-12454-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3557-12454-1-PB%20(2).pdf). Acesso em 09 de Maio de 2019.

LOPES, António Soares. **Os Media na Guiné-Bissau**. 1º Edição. Bissau: Europress – indústria gráfica, 2005.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **A comunicação nos movimentos sociais: exercício de um direito humano**, 2009. Disponível em <http://dialogosfelafacs.net/a-comunicacao-nos-movimentos-sociais-exercicio-de-um-direito/>. Com. Acesso em 09 de Maio de 2019.

\_\_\_\_\_ **Relações públicas, movimentos populares e transformação social**, 2008. Disponível em <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/828>. Acesso em 09 Maio de 2019.

\_\_\_\_\_ **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaborações no setor. Disponível em <http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>. Acesso em 09maio 2019.

\_\_\_\_\_ **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”**, 2007. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143029360005>. Acesso em 09 Maio 2019.

RUDEBECK, Lars. **Democratização na aldeia = “mudança”**. In: Colapso e reconstrução política na Guiné-Bissau 1998-2000. The Nordic Institute, Uppsala, 2001. cap. VII, 72-78.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau, 1994-2006**. 2008. 137f. dissertação (mestrado em sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (organizadores). **Demodiversidade: Imaginar Novas Possibilidades Democráticas**. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. – (Epistemologias do Sul).

SANTOS, Boaventura de Sousa; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In. SANTOS, Boaventura de Souza (org.) **democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002.

